The Raven

Once upon a midnight dreary, while
I pondered, weak and weary
Over many a quaint and curious
volume of forgotten lore
While I nodded, nearly napping,
suddenly there came a tapping
As of someone gently rapping,
rapping at my chamber door
“‘Tis some visitor”, I muttered,
“tapping at my chamber door
Only this, and nothing more”

Ah, distinctly I remember, it was in
the bleak December
And each separate, dying ember
wrought its ghost upon the floor
Eagerly, I wished the morrow;
vainly, I had sought to borrow
From my books, surcease of sorrow
– sorrow for the lost Lenore
For the rare and radiant maiden
whom the angels name Lenore
Nameless here, forevermore

And the silken, sad, uncertain
rustling of each purple curtain
Thrilled me, filled me with fantastic
terrors never felt before
So that now, to still the beating of
my heart I stood, repeating
“‘Tis some visitor entreating
entrance at my chamber door
Some late visitor entreating
entrance at my chamber door
This it is, and nothing more”

Presently, my soul grew stronger,
hesitating then no longer
“Sir,” said I, “or Madam, truly your
forgiveness I implore
But the fact is I was napping, and
so gently you came rapping,
And so faintly you came tapping,
tapping at my chamber door
That I scarce was sure I heard you,”
here I opened wide the door
Darkness there, and nothing more

Deep into that darkness peering,
long I stood there, wandering,
fearing

A Gralha

Numa madrugada sombria,
enquanto ponderava, fraco e
desgastado
Sobre vários volumes pitorescos e
curiosos de saberes esquecidos
Enquanto cabeceava, quase
cochilando, repentinamente veio
uma batida
Como se alguém gentilmente
tamborilasse à porta do quarto
“É alguma visita,” murmurei,
“batendo à minha porta
Só isso, e nada mais”

Ah, me lembro distintamente, foi
durante a sombra de dezembro
E cada brasa a morrer sozinha
forjava seu fantasma no chão
Eu desejava, ansiosamente, o
amanhecer; em vão, busquei
emprestar
De meus livros, um cessar da dor –
dor pela perdida Lenora
Pela dama rara e radiante a quem
os anjos chamam Lenora
Anônima aqui, para nunca mais

E o farfalhar sedoso, triste e incerto
de cada cortina roxa
Me excitava, me enchia de terrores
fantásticos jamais sentidos
Assim que, agora, para acalmar
meu coração, me levantei,
repetindo
“É um visitante à porta, querendo
entrar
Alguma visita tardia à porta,
querendo entrar
É isto, e nada mais”

Nesse momento, minh’alma se fortaleceu; sem hesitar, então, eu disse:
“Senhor, ou Madame, de verdade imploro teu perdão
Mas o fato é que estava cochilando, e viestes tamborilando tão gentilmente
E tão fracamente batestes à minha porta
Que mal pude te ouvir” aqui, abri a porta inteira
Escuro, e nada mais

Olhando profundamente escuridão adentro, fiquei em pé parado, imaginando, temendo

Doubting, dreaming dreams no mortals ever dared to dream before
But the silence was unbroken, and the darkness gave no token
And the only word there spoken was the whispered word “Lenore”
This I whispered, and an echo murmured back the word: “Lenore”
Merely this, and nothing more

Back into the chamber turning, all my soul within me burning
Soon I heard again a tapping, somewhat louder than before
“Surely,” said I, “that is something at my window lattice
Let me see then, what thereat is, and this mystery explore
Let my heart be still a moment, and this mystery explore
‘Tis the wind, and nothing more”

Open here I flung the shutter, when, with many a flirt and flutter,
In there stepped a stately raven from the saintly days of yore
Not the least obeisance made he; not a minute stopped or stayed he
But, with mien of Lord or Lady, perched above my chamber door
Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door
Perched and sat, and nothing more

Then, this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling
By the grave and stern decorum of the countenance it wore
“Though thy crest be shorn and shaven thou” I said, “art sure no craven
Ghastly, grim and ancient raven, wandering from the nightly shore
Tell me what thy lordly name is, on the night’s plutonian shore”
Quoth the raven: nevermore

Much I marveled this ungainly fowl to hear discourse so plainly
Though its answer little meaning, little relevancy bore
For we cannot help agreeing that no living human being

Duvidando, sonhando sonhos que mortal algum ousara sonhar
Mas o silêncio permaneceu, e a escuridão não cedeu
E a única palavra dita foi o sussurro “Lenora”
Isso eu sussurrei, e um eco murmurou de volta “Lenora”
Meramente isso, e nada mais

Me virando de volta ao aposento, minh’alma inteira em chamas
Logo mais ouvi outra batida, um pouco mais alta que antes
“Certamente,” eu disse “é algo na treliça da janela
Deixe-me ver, então, o que há, e explorar este mistério

Deixe meu coração aquietar-se por um momento, e explorar este mistério
É o vento, e nada mais”

Abri a janela bruscamente, quando, cheia de flertes e voltas
Uma gralha imponente adentrou, dos dias santos de outrora
Não fez nenhuma reverência; não pausou ou ficou por um minuto
Mas, com jeito de Senhor ou Senhora, se empoleirou acima da porta
Se empoleirou num busto de Palas acima da minha porta
Se empoleirou, sentou, e nada mais

Então, o pássaro de ébano, seduzindo minha tristeza num sorriso
Pelo semblante grave e severo que carregava
“Apesar de não ter crista, tu” eu disse “não és covarde, com certeza
Gralha assombrosa, mórbida e anciã, vagando na costa noturna
Diga-me teu nome cristão, na costa plutoniana da noite”
Disse a gralha: nunca mais

Muito me maravilhei ao ouvir tal ave desajeitada discursar tão simplesmente
Apesar de sua resposta não carregar muito significado ou relevância
Porque devemos concordar que nenhum ser humano

Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door
Bird or beast upon the sculptured bust above his chamber door
With such name as “Nevermore”

But the raven, sitting lonely on that placid bust, spoke only
That one word, as if his soul in that one word he did outpour
Nothing further then he uttered; not a feather then he fluttered
Til I scarcely more than muttered: “other friends have flown before
On the morrow he will leave me, as my hopes have flown before”
Then, the bird said “nevermore”

Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken
“Doubtless,” said I, “what it utters is its only stock and store
Caught from some unhappy master, whom unmerciful disaster
Followed fast and followed faster, til his songs one burden bore
Til the dirges of his hope that melancholy burden bore
Of never- nevermore”

But the raven, still beguiling my sad fancy into smiling
Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird, and bust and door
Then, upon the velvet sinking, I betook myself to linking
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt and ominous bird of yore
Meant in croaking “nevermore”

This I sat, engaged in guessing, but no syllable expressing
To the fowl whose fiery eyes now burned into my bosom’s core
This and more I sat divining, with my head at ease reclining
On the cushion’s velvet lining, that the lamp-light gloated o’er
But whose velvet violet lining, with the lamp-light gloating o’er
She shall press, ah, nevermore!

Já foi abençoado com a visão de
um pássaro sobre sua porta
Ave ou besta no busto esculpido
sobre sua porta
De nome tal como “Nuncamais”

Mas a gralha, solitária no busto
plácido, disse apenas
Aquelas palavras, como se nelas
sua alma jorrasse
Nada mais enunciou; nenhuma
pena levantou
Até que eu murmurasse “outros
amigos voaram até aqui
De manhã ela me deixará, como
minhas esperanças fizeram antes
Então, a ave disse “nunca mais”

A resposta tão bem dita quebrou a
quietude e me sobressaltou
“Sem dúvidas,” eu disse, “o que diz
é seu único inventário
Adquirido de algum mestre infeliz,
cujo destino impiedoso
Seguiu rápido e mais rápido, até
que suas músicas carregassem um
único fardo
Até que o hino fúnebre de sua
esperança carregasse esse fardo
melancólico
De nunca- nunca mais

Mas a gralha, ainda seduzindo
minha tristeza num sorriso
Me fez arrastar uma poltrona
acolchoada à frente dela, do busto
e da porta
E, me afundando no veludo, tratei
de conectar
Ideia a ideia, pensando no que este
pássaro ominoso de outrora
No que este pássaro ominoso,
mórbido, desajeitado, assombroso
e esquálido de outrora
Quisera dizer, grasnando “nunca
mais”

Isso me comprometi a adivinhar,
mas sem expressar sílaba
À ave cujos olhos flamejantes
agora queimavam meu peito
adentro
Isso e mais me perguntei, sentado,
cabeça inclinada
No forro de veludo da poltrona,
sobre o qual a luz da lâmpada
regozijava
Mas em que forro de veludo
violeta, com a luz de lâmpada se
regozijando
Ela se deitará, ah, nunca mais!

Then, methought, the air grew
denser, perfumed from an unseen
censer
Swung by Seraphim, whose foot-
falls tinkled on the tufted floor
“Wretch!” I cried, “thy God hath
lent thee – by these angels he hath
sent thee
Respite! Respite and nepenthe
from thy memories of Lenore
Quaff, oh quaff this kind nepenthe
and forget this lost Lenore”
Quoth the raven: nevermore

“Prophet!” Said I, “thing of evil!
Prophet still, if bird or devil
Whether Tempter sent or whether
tempest tossed thee here ashore
Desolate, yet all undaunted, on this
desert land enchanted
On this home by horror haunted,
tell me, truly, I implore!
Is there- is there balm in Gilead?
Tell me, tell me, I implore!
Quoth the raven: nevermore

“Prophet!” Said I, “thing of evil!
Prophet still, if bird or devil
By that Heaven that bends above
us, by that God we both adore

Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore”
Quoth the raven: nevermore

“Be that our sign of parting, bird or fiend!” I shrieked, upstarting
“Take thee back into the tempest and the night’s plutonian shore
Leave no black plume as a token of that lie thy soul hath spoken
Leave my loneliness unbroken; quit the bust above my door!
Take thy beak from out my heart and take thy form from off my door!”
Quoth the raven: nevermore

And the raven, never flitting, still is sitting; still is sitting
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door

Então, pensei, o ar ficou mais denso
Perfumado por um incensário invisível
Balançado por Serafim, cujas pegadas tilintavam no acolchoado
“Maldito!” gritei “Teu Deus emprestou-te; por estes anjos enviou-te
Descanso! Descanso e nepente para estas memórias de Lenora
Dê um gole, dê um gole da gentil nepente e esqueça a perdida Lenora”
Disse a gralha: nunca mais

“Profeta!” eu disse, “coisa do mal!
Profeta, sim, seja ave ou demônio
Caso enviado pelo Tentador ou descartado pela tempestade à praia

Desolado mas audaz, nesta terra deserta e encantada
Nesta casa assombrada por horrores, diga-me,
verdadeiramente, eu imploro!
Há- há mesmo um bálsamo em Gileade? Diga-me, diga-me, eu imploro!
Disse a gralha: nunca mais

“Profeta!” eu disse, “coisa do mal!
Profeta, sim, seja ave ou demônio
Pelo Paraíso que se dobra acima, pelo Deus a quem ambos adoramos
Diga a esta alma carregada de sofrimento, se no Éden distante
Agarrará a dama santa a quem os anjos chamam Lenora
Agarrará a dama rara e radiante a quem os anjos chamam Lenora
Disse a gralha: nunca mais

“Que seja esta nossa despedida, ave ou demônio” guinchei, incisivo
“Retorne à tempestade e à costa plutoniana da noite
Não deixe pluma negra como penhor da mentira que tua alma proferiu
Deixe minha solidão intacta; deixe o busto sobre minha porta!
Tire teu bico de meu coração e tire tua forma de minha porta!”
Disse a gralha: nunca mais

E a gralha, sem esvoaçar, ainda senta; ainda senta
No busto pálido de Palas, bem acima de minha porta

And his eyes have all the seeming of a demon’s that is dreaming
And the lamp-light o’er him streaming, throws his shadow on the floor

And my soul, from out that shadow
that lies floating on the floor
Shall be lifted nevermore.

E seus olhos aparentam ser os de
um demônio que sonha
E a luz de lâmpada, fluindo sobre
ela, joga sua sombra ao chão
E minh’alma, da sombra que jaz,
flutuando ao chão
Se levantará nunca mais.